

**CORPO HAICAI**

# **CORPO HAICAI**

org. Rita de Almeida Castro e Elise Hirako



Universidade de Brasília  
Programa de Pós- Graduação em Artes Cênicas

# CORPO HAICAI

org. Rita de Almeida Castro e Elise Hirako  
1º Edição

Brasília UnB/PPG-CEN  
2024

CB22 Corpo haikai [recurso eletrônico] / org. Rita de Almeida Castro e  
Elise Hirako. – Brasília : Universidade de Brasília, Programa de  
Pós- Graduação em Artes Cênicas, 2024.

139 p. : il.

Inclui bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web.

ISBN 978-65-88507-09-4.

1. Haikai. 2. Performance (Arte). 3. Artes  
Cênicas. I. Castro, Rita de Almeida (org.). II.  
Hirako, Elise (org.).

CDU 792:82-1

Helôiza dos Santos - CRB 1/1913

**organização/revisão**

Rita de Almeida Castro

Elise Hirako

**colaboradores**

Cacio José Ferreira

Christus Nóbrega

Guilherme Sampaio

Valéria de Castro

**colagens**

Gabriel da Paz

Rodrigo Nery

Elise Hirako

Deborah Dodd

Rosanna Viegas

Guilherme Sampaio

Rita de Almeida Castro

Lelia Lofego

**design gráfico/editoração/capa**

Elise Hirako

**parceria**

Poéticas do Corpo

**realização**





# haicaístas

Agda Couto  
Aline Xavier  
Amanda Vidal  
Beatriz de Souza Barros  
Cacio José Ferreira  
Deborah Dodd  
Drêh Machado  
Duda Araujo  
Eileen Pfeiffer Flores  
Elise Hirako  
Ellen Gama  
Felipe Castro Praude  
Gabriel da Paz  
Gabriel Gabor  
Gabriela Fuck  
Gerimário Junior  
Gii Lisboa  
Guilherme Sampaio  
Gustavo Haeser  
Hoffman Miranda  
Jennyfer Quaresma Moura  
Jiló Medeiros  
Julia Francesca

Júlia Rehder  
Karine Araujo dos Santos  
Lelia Lofego  
Lorena Lima Barbosa de Alencar  
Luiz Lemes  
Marconi Cristino Silva  
Mariano Costa  
Milena Andrade da Silva  
Monica Martins Vieira  
Naara de Melo de Freitas  
Narcisse Sandres  
Paula Otero  
Pedro Ivo Rodrigues Maia  
Pedro Samuel dos Santos  
Raíssa Oliveira Frazão  
Rita de Almeida Castro  
Rodrigo Nery  
Rosanna Viegas  
Sant Caê Salviano Cardoso  
Vick Albali  
Vinicius Rodrigues do Anjos  
Wagner dos Santos Caixeta  
Wanderley Mendes





**prelúdio dos ciclos**

Rita de Almeida Castro

**miudezas**

Guilherme Sampaio

**signos fantasmáticos: haikai**

Cacio José Ferreira

**inspiraFlor**

Elise Hirako

**água e sonhos**

Deborah Dodd

**lua e tarô**

Rosanna Viegas

**sonhos e narrativas**

Eileen Pfeiffer Flores

**manifesto DeColagem**

Lelia Lofego

**ciclos intermitentes**

Rita de Almeida Castro

## prelúdio dos ciclos

Criamos a disciplina optativa: *Práticas performativas em diálogo com abordagens orientais: percepção, sentidos e imaginação*, no Departamento de Artes Cênicas da UnB, no primeiro semestre de 2021, em um tempo pandêmico, sendo inicialmente ministrada no formato remoto. Conteí com a parceria preciosa da professora Deborah Dodd nesta criação, com o desafio de suscitar, no outro, abordagens no campo do sensível, para além da experiência mediada pela tela. Depois tivemos oportunidade de oferecer esta disciplina, em dois semestres presenciais: 2/2022 e 2/2023. Em todos os formatos trabalhamos com os ciclos da flor, água e lua e introduzimos no formato presencial uma escuta especial para os nossos sonhos noturnos. Foi fundamental a participação ativa das discentes que fizeram as suas práticas docentes de mestrado e doutorado nestes semestres: Rosanna Viegas e Elise Hirako. Contamos com a valiosa contribuição do Guilherme Sampaio, que cursou como discente no primeiro semestre e seguiu como monitor nos demais. As colaborações de professoras e professores convidados foram sendo agregadas ao longo do caminho.

Cacio San nos ensinou a criar haicais, Lelia Lofego a compor colagens, Eileen a perceber os sonhos como narrativas. E tivemos várias outras parcerias de criação ao longo da travessia dos três semestres: Michiko Okano, Éden Peretta, Ana Castro Borges, Christus Nóbrega, João Lanari, Kleber Damaso Bueno e Alice Stefânia.

Partimos da noção dos haicais tradicionais, poemas com três versos, que correspondem à métrica sonora de 5-7-5 sílabas e teve sua sistematização no Japão no século XVII, com Matsuo Bashô. Tratam sobretudo da impermanência da natureza e costumam ter o *kigo*, uma palavra que evidencia a estação do ano a que aquele haikai se refere e a cesura, *Kireji*, uma indicação gráfica ou uma palavra utilizada para provocar uma quebra sintática, suspensão do ritmo, na cadência do poema.

Na disciplina, as nossas criações haicaístas foram escritas de forma livre, inspiradas nas sutis transformações da natureza. A pequena forma poética nos leva a um exercício de síntese no modo de ver e se expressar, por meio de palavras ou imagens, e nos abre para uma relação com o instante. Foram caminhos afetuosos de trocas e aprendizados coletivos, que reverberaram nos haicais criados pelos discentes e alguns docentes que agora compartilhamos com vocês.

coletivos em ação  
criam estados performativos  
transbordam

haicais e colagens  
desvelam estados do ser  
dobram-se

corpos em performances  
transitam entre mundos  
ressoam

corpos em fluxos  
entre sínteses e acúmulos  
derramam

corpos poemas  
compõem mosaicos de almas  
transmutam

**Rita de Almeida Castro**

# miudezas

Vazio. Desassossego que mora na alma do ser humano e se recusa a sair, impossível de expulsar. Nos impele em direção ao novo, ao outro, ao mais, à repetição.

Creemos que para saciar esta ânsia são necessárias atitudes monumentais: ir de veleiro até a Austrália (sem nunca ter estado no oceano); casar na Itália (sem nunca ter dado um beijo apaixonado sob o luar); salvar a Amazônia (sem nunca ter cuidado de uma planta em casa).

A satisfação, o contentamento, o êxito, o sucesso, o sentido vêm por meio da hipérbole, dificilmente por meio do eufemismo.

Pensando nos processos criativos e na cena tendemos a mirar no verborreico, em cenários grandiosos, iluminações estupendas, mas às vezes a potência reside nas pausas, no olhar, no toque, no modo de dizer uma única palavra, concentrada na presença.

Práticas Performativas revelam a potência da síntese, do necessário, dos detalhes, do cuidado para com o treinamento e para com o trabalho.

Os encontros vívidos forjam antes de tudo seres humanos conectados consigo, com a natureza, para

então forjar artistas porosos, receptivos ao mundo. Fomos apresentados a um trabalho que exige uma vida inteira e convidados a acreditar na capacidade que uma gota d'água possui de saciar a sede. Apresentados à potência dos ciclos, onde toda experiência pode transvazar em haicais.

**Guilherme Sampaio**

## signos fantasmáticos: haikai

Roland Barthes, na obra *O império dos signos*, destaca que o haikai é um estilo poético que possui propriedade fantasmática, ou seja, há uma teia conceitual de sentidos desvelada no momento da leitura, da construção. Contudo, além dessa camada, existem outras que intensificam o sentido disponível, a profusão oferecida na simplicidade, um pensamento cinzelado. Enfim, o haikai é a elegância das forças “decifradoras, formalizantes ou tautológicas, as vias de interpretação, destinadas entre nós a penetrar o sentido, isto é, a fazê-lo entrar por arrombamento” (Barthes, 2007, p. 95).

Nessa perspectiva, a disciplina *Práticas performativas em diálogo com abordagens orientais: percepção, sentidos e imaginação*, ministrada pela professora Rita de Almeida Castro, do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, permitiu entrar no universo haicaísta descrito por Roland Barthes. Na prática, o sentido é aguçado por meio de diálogos que contornam as estruturas e feições do haikai. O pensamento do indivíduo já encaminha para um mundo quase fantasmático. Nele, diversas possibilidades rodeiam o estudante/poeta ofertando paisagens que se sobrepõem, causando o encantamento de imprimir em

signos veredas de poemas ilustrados pela natureza das cercanias.

Portanto, na prática de escritura do haikai de cada estudante da disciplina mencionada, é possível perceber a cadência da raiz do sentido, impressa em “um acontecimento breve que acha, de golpe, sua forma justa” (Barthes, 2007, p. 99). A construção do haikai a partir da natureza que o circunda reconfigura o pensamento na infinitude do reflexo do espelho, um *mise en abyme*, conforme expressa um certo mestre Tao: “é como um espelho. Não capta nada, mas não rejeita nada” (Barthes, 2007, p. 103). A sensibilidade dos discentes verte-se em poemas e não há rejeição nenhuma, apenas o recorte. A gravura que expande é apenas um arrombamento da propriedade fantasmática do haikai.

Barthes, Roland. *O império dos signos*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.





cicló da flor

# inspiraFlor

Uma proposta, vamos alargar a percepção e entendimento acerca da flor? Uma vez que esta foi ampliada para as árvores, folhas e adiante. Em suma, os seres do reino *Plantae*. A partir deste acordo, foi pedido para que os discentes escolhessem uma árvore no *campus* da UnB, para a criação de uma prática performativa em solo e um haicai.

Contextualiza-se que as aulas coincidiram com a floração dos ipês que encantam Brasília, se tornando objeto de contemplação de muitos estudantes. E depois, foi solicitada a geolocalização da árvore e uma fotografia. Sobre isto, vale ressaltar uma peripécia temporal, pois, como a floração é em uma época do ano, ao fotografar, já não havia flores, somente a árvore. Ora, as árvores podem ser as flores do mundo, muitas árvores juntas se tornam buquês para o universo! Ao receber as coordenadas, pude organizá-las a fim de criar um mapa, o qual foi instrumento para uma caminhada em que fomos agraciados por um sol acolhedor, haicais e frutinhas. Uma outra atividade foi proposta, em diálogo com minha pesquisa de doutorado, em andamento, desenvolvida a partir da proposição:  
Que tal observarmos as imagens tal qual Tatsumi Hijikata

demonstrou em seu processo de composição para criação de uma coreografia coletiva?

Para tanto, foi realizada uma breve historiografia das imagens de Hijikata, que foi um dançarino japonês precursor da dança Butoh, juntamente com Kazuo Ohno. Foram expostas duas fases: a primeira, em que é possível observar o pulsar da relação do que está contido no, *a priori*, invisível interior para o expurgo do movimento, da alma para a forma; a segunda, em que é exposto seu método dinâmico de composição, o *Butoh-Fu*, pois ele utilizava colagem, imagem, texto etc. para a criação de movimentos e os organizava em cadernos.

Para a atividade performativa, foi compartilhado o caderno *Flores*, de Hijikata, o qual está armazenado no *Institute Art Center* da Universidade de Keio, Japão. Cada um recebeu uma imagem para criar um movimento, da forma para a alma. Por fim, organizei digitalmente os movimentos em prol de uma coreografia coletiva.

As flores inspiraram Tatsumi Hijikata para a criação artística bem como aos que participaram desta rica disciplina.

Morishita, Takashi. *Hijikata Tatsumi Notational Butoh, an inovational method for Butoh creation*. Tokyo: Keio University Art Center, 2015.

Elise Hirako

amarelo perdido  
cerrado desfolha  
solidão persiste

luiz

boiada passou  
lpê não floresceu  
seca chegou

guilherme

pontilhado disperso  
rosa contra azul  
suspiro fundo

paula

calmaria  
olhos que vagam  
pé de cuscuz

jiló

ritmo botânico  
cor calma e fervor  
desabrocha-se

deborah



ipê rosa  
baila no doce vento  
dia de festa

felipe

retorcida  
mas tão nova  
tempo canta

wanderley

coração pulsa  
beija o sol  
pedaços de conexão

pedro ivo

dança das folhas  
percorre na raiz  
atmosfera suave

amanda

flores brancas  
voam espiraladas  
em queda livre

rita

folha vermelha e roxa  
apontada pro coração  
lâmina que enfeitiça

beatriz

escuto a luz  
mão de flor aberta  
irrigação diálogo

gerimário

sob a luz mais forte  
me abro para receber  
fico a esperar

mariano e vick



chuva umedece o solo  
movimento interno  
conexões harmônicas

marconi e rehder

das profundezas do mistério  
diluiu-se em raízes  
estrela das águas

lorena e wagner

encontro sobre flores  
guiam dança compartilhada  
em memória

hoffman

catar o risco  
caramujo molhado  
invade a dor

rosanna

ipês renascem  
colorem a cidade  
na primavera

gabriela

mãe natureza  
cortina dourada  
fios dançantes

jennyfer

banquete de flores  
observar  
e nutrição

aline

resiliente  
só me enxergam amarelo  
estou verde

vick



sorrindo vejo  
floridos ipês - Instantes  
coração acolhe

narcisse

sol reluzente  
ipê amarelo  
latente mover

vinicius

na natureza  
ciclo de pureza  
flor desabrocha

gerimário

sem criar sombras  
cachos com cores intensas  
risco de extinção

drêh

terras corridas  
raízes nutridas  
ipê nos pés

ellen

ipês florescem  
beleza divina  
que coisa mais bonita!

pedro

cerrado seca  
ipê desabrocha  
amarelou-me

raíssa

o igarapé contempla a mata  
vitória-régia acena vívida  
bashô passará por aqui!

cacio



ciclo flor  
sol a quarenta graus  
fogo no pantanal

gustavo

esperança interna  
bendita flor amarela  
finado vital

julia

vasto céu azul  
longe tudo amarelo  
ipês florescem

rodrigo

seu amarelo  
belo e cintilante  
amor singelo

monica

flores saturadas  
cair da chegada  
daquilo que já se foi

duda

caem as flores  
tapete amarelo  
vida floresce

gabriel

na natureza  
as folhas murmuram  
penso na minha vó

gabor

ipê rosado  
floresce no instante  
fugaz se esvai

elise



mata em chamas  
ipês florescem  
vida nas cinzas

guilherme

pão e massa em flor  
tucupi em folhas  
dormência com jambu

cacio

ninféia encanta  
transborda em sonhos  
espelha a alma

rita



**ciclo da água**

# águas e sonhos

Ao longo de três anos como professora parceira no TEAC, percebo sua constante evolução. Buscamos instaurar, a cada encontro, camadas sutis na criação de mundos temporários. Somos artistas compartilhando presenças sensíveis, performativas e cocriadoras.

*Najimi*, *haikai* e *ataakai*, termos japoneses, afetaram as práticas composicionais eco-sensíveis no ciclo das águas. Durante este ciclo, buscamos compor e performar com, em e como corpos de água, estabelecendo relações corporalizadas e significativas com outros corpos de água. Da prática japonesa *seitai-ho*, introduzida no Brasil por Toshi Tanaka, vem o conceito de *najimi*, a “arte de tocar, que sente o ar entre os corpos, com espaço entre o eu e o outro” (Castro, 2019, p. 150). Durante as práticas performativas, experimentamos o ar em que estamos submersos como palpável, líquido, morno. A prática com o *najimi* nos convida a nos relacionarmos afetivamente com o ambiente — desde o liame entre nossos dedos até um campo expandido — ampliando a nossa escuta e percepção de si e do outro.

Haicais evocam imagens aterradas em mundos, oferecendo experiências sensoriais que conectam escritor e leitor a um ambiente.

No ciclo das águas, haicais nascem de movimentos performativos em constante troca com as águas, formando um campo somático úmido e fluido onde imagens escorrem do corpo.

A expressão, *atatakai*, aquilo que aquece o coração, nos foi apresentada pelo professor Cacio Ferreira. O haicaísta busca em palavras sentir e transmitir *atatakai*, encapsulando em cada poema algo que aqueça o coração do leitor.

No ciclo das águas e dos sonhos, a intenção é que a relação entre a prática performativa eco-sensível e a escrita de haicais sejam coexistentes. E que da relação corporalizada, emerjam sonhos e práticas performativas que aqueçam os corações de quem as compartilha.

Castro, Rita de Almeida. Performances corpo-cristal: experiências em fluxo. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, v.7, n.2, p.147-163, 2019.

Deborah Dodd

lágrimas deságuam  
dissolvem a alma  
vida magnética

agda e pedro ivo

derramo em mim  
para fluir no mundo  
gota de ancestralidade

aline e amanda



pé de hortelã  
conduz inconsciente  
cigarra viva

felipe e guilherme

do pé nasce o limão  
e brotam os desejos  
primavera molhada

paula

colo de mãe  
mesmo longe perto  
frio de liberdade

jiló e wanderley

rio sussurra  
segredos em espumas  
pedras ressoam

deborah

lago profundo  
nuvens vermelhas  
pintam o céu

rita

solo fértil da mata úmida  
criação da vida  
rasga o homem morto

beatriz

negra noite de chuva  
relâmpago risca o verde  
olho de onça faísca!

cacio

boca rachando  
beijos doloridos  
espera anunciada

gustavo



água e ar imensuráveis  
criam uma coreografia  
o nascimento

gerimário

azul do céu se vai  
escorre água que cai  
nuvem cinza se esvai

mariano

granizo forte  
acelera coração  
importante passagem

rehder

aguei rios de mim  
transbordou-se aí  
afogou-se aqui

karine

do céu  
a chuva cai  
de mim, o haikai

lorena

quilombo - união e força  
oceano imponente  
águas de amor e vida

marconi

templo molhado  
preenche o vazio  
correntezas internas

pedro ivo

vento bate  
arrepia os cabelos  
cheiro de esperança

milena



água ao cair da cachoeira  
natureza a brilhar  
transformação

naara

Luz que passa brilha  
água que cai parece agulha  
estronda o céu em mim

vick

reviradas memórias  
oceano da mente  
em frente ao mar

wagner

brincadeiras nebulosas  
molhadas nuvens rosas  
sonhos em expansão

hoffman

chovendo desde ontem  
coração arde  
pensa alucinado

gii

escuto a samambaia  
sonho com cigarras  
orquestra atemporal

rosanna

chuvisco lento  
galpão de oceano  
pressão baixou

guilherme

já pinga lá fora  
dentro, inunda  
e meu corpo entregue

sant



anis milenar  
em pedras d'agua  
abre portais

lelia

água transborda  
oceano da vida  
afogo no mar

gabriela e gerimário

suado corpo  
magnético trilhar  
águas azuis

jennyfer e rodrigo

vagar no infinito  
respiro o momento  
deságuo no mar

gabriel e luiz

onda de calor  
derrete o que toca  
mergulho em ti

guilherme e narcisse

maxilar treme  
controla a obsessão  
fluxo em chuva

elise

lados opostos  
no encontro desgua  
ciclo dos amores

duda e vinicius

íntima fusão  
afogados líquidos  
gotas de sangue

drêh e julia



sangue nas veias  
pulsar da água em mim  
caminhos livres

ellen e raíssa

água que cai  
traz frescor a alma  
me embriago

gabor e pedro

coração escorre  
no mar eu volto  
e não há peixe

gabriel e monica

espumas e linhas  
flutuando no mar  
tramam sua pele lúcida

deborah



ICLO DA LUA

## lua e tarô

Vivência em aula que traz provocações sobre a Lua astro, o satélite natural da Terra com informações sobre sua origem, a transitoriedade cíclica lunar que influencia as marés, o manejo de plantas e nossa inconstância emocional, somado aos arcanos do tarô, especificamente o arcano XVIII, A Lua, e de outros escolhidos individualmente. A Lua no tarô é uma carta obscura que representa o oculto, ilusões, memórias, intuição, mistério, magia, impermanência emocional e o feminino. Por meio de estímulos visuais, auditivos, sensoriais e emocionais a vivência instiga o magnetismo e as faces sombrias, poéticas, instintivas e “lunáticas” desses corpos, inspirando a criação de haicais incorporados em partituras físicas.

Criamos um ambiente escuro iluminado por pequenas velas formando um círculo, com incensos, som ambiente de frequência 852HZ e projeção dos arcanos do tarô. Com o grupo de estudantes deitado dentro dessa atmosfera lunar, introduzimos as cartas do tarô. Tiramos um arcano maior para cada estudante e projetamos as iconografias explicando seus significados.

Os corpos se movimentam de maneira cíclica entre os planos inferior, médio e alto, sem pausas, como as quatro fases da lua e incorporam as características do arcano pessoal da tiragem de cartas.

Entre imagens de crateras lunares projetadas, os estudantes imaginam, visualizam e reagem com o corpo a chegada de meteoros e explosões. Depois reúnem-se em pares que dialogam por meio de movimentos e sons.

Paisagem sonora de lobos uivando e sons de floresta. Nas imagens tradicionais do arcano Lua há a presença de dois lobos uivando (ou um cão como representação de um lobo domesticado do lado de um lobo selvagem). O lobo é um animal de excelente visão noturna e no arcano indica que no escuro da noite o instinto prevalece. Os estudantes investigam o lobo emitindo uivos prolongados.

Formam-se trios que escrevem um haikai que desemboca em uma partitura corporal e finalizam a vivência com apresentações.

vulcão em erupção  
luzes e lavas brilham  
a noite cospe a lua!

cacio



céu noturno  
lua seca  
atração fatal

guilherme

amor que vibra  
envolve a ação  
devoro-te inteira

amanda, felipe e jiló

aterra arco aponta  
desencaixe de luz  
segredos de escamas

paula

lua andarilha  
em folhas cintilantes  
trêmula, se deita

deborah

noite sem luar  
esqueceu de subir  
foi namorar

wanderley

pôr da lua  
vulva pulsante  
alumia

rita

ardor e luar  
deságua em sentidos  
liberta o coração

beatriz, hoffman e marconi

meu caminho  
feito de luas  
novas

aline



o rosa sumindo  
pessoas partindo  
eu (ainda) estou aqui

gustavo

lua em constante dança  
corpos desejados  
luz dos enamorados

mariano e naara

desapego aceitação  
sangro saudade  
sabedoria enforcada

rehder

gozei que sequei  
enfim, o vazio  
enfim, o domínio

lorena

rito sangrento  
coração orbital  
alma lunar

pedro ivo

noite acolhe  
silêncio se expande  
pedaço de luz

elise

lua velada  
poeira emocional  
meteoros gritam

rosanna

luz prateada  
transborda avessa  
excitando-me

jennyfer, raíssa e rodrigo



brilho pulsante  
transformação minguante  
uivo pro luar

gabriel e gabriela

transmuto o grito  
assopra e sangra  
gravito entre átrios

julia e luiz

imagina só  
as correntes estão livres  
pode pular

vick

nova minguante  
cheia nos ilumina  
fase crescente

narcisse

lua sangrenta  
fase lunática  
lobo acorda

gabor, gerimário e vinicius

amor belo  
resplandece no céu  
lua brilha

pedro

espero chover  
para cochilar  
desejo vicioso

ellen e guilherme

brilho emana  
cicatrizes expostas  
lua me chama

drêh, duda e monica



lua sangrenta  
esquenta o corpo  
e pole a alma

milena

a lua me segue  
ou serei eu a segui-la  
ao fim tanto faz

eileen

noite acolhe  
em manto estrelado  
novo respirar

elise



Nunca desliga

# sonhos e narrativas

O que é o sonho e como ele se relaciona com a narrativa? Em duas ocasiões, a convite da Professora Rita, estive com a turma de *Práticas Performativas* para tratar do tema de nossas vidas oníricas e de como elas se entrelaçam com histórias pessoais e coletivas. Um dos mais importantes aprendizados que pude observar nas turmas é que é fundamental cultivar a vida onírica. O sonho é uma teia muito frágil, que se desfaz com o mais leve sopro diurno. Para podermos aproveitar as histórias que tecemos durante a noite, precisamos resistir à ansiedade que nos pressiona a nos posicionarmos imediatamente em nosso lugar de engrenagem da grande máquina da vigília. É preciso demorar-se, dar-se o tempo para, ainda no calor da cama ou no balanço da rede, revisitar as histórias que tecemos durante o sono. Com a adoção dessa prática, até quem dizia quase nunca sonhar está se dando conta que sonha sim, e sonha muito! O narrar dos sonhos ocorre no início de cada encontro. Qualquer pessoa começa a narrar, a qualquer tempo, e uma história leva a outra, como um tecer coletivo. Ao observar essa prática, vi que ela respeita dois aspectos fundamentais de nossas histórias sonhadas. O primeiro é sua lógica não linear e seu caráter fortemente corporificado.

Por exemplo, um “salto” na história sonhada era acompanhado por um salto no ar de quem narrava: “Eu estava em minha casa... de repente... (salto)... estava na escola de minha infância”.

Ao narrar usando o corpo e o espaço, ampliavam-se as possibilidades narrativas e diminuía o impulso de encaixar o sonho em estruturas preconcebidas.

O segundo aspecto que apareceu foi a natureza corporificada do sonho (tema muito discutido atualmente na Psicologia e Filosofia do Sonho). Um participante, por exemplo, dizia: “Eu estava em minha casa, mas ela estava debaixo d’ água... (enquanto conta, a pessoa dança, “nada” graciosamente pela sala) ... “Havia lindas criaturas coloridas por toda parte...” (conseguimos imaginar essas criaturas pelos movimentos de suas mãos). Esses breves exemplos mostram algo que a filosofia dos sonhos vem apontando com crescente clareza: sonhamos com o corpo todo. Um corpo sonhado, é verdade, mas nem por isso menos central para entendermos a natureza de nossas histórias noturnas e usar sua potência narrativa em nossas criações.

**Eileen Pfeiffer**



# Manifesto DeColagem

Colagem não é cola-papel-tesoura.

Colagem não é técnica.

Colagem nem é imagem, porque ausência também o é.

Colagem é pensar sobre mundos. Sobre existências e contextos diversos. É juntar os disjuntos, e disjuntar os juntos. É nos estranhar e reconhecer o outro em sua identidade.

Desnaturalizar o que nos parece certo, e lançar outros pontos de vista sobre aquilo que tememos. Rasgar imagens. Quebrar palavras.

Imagens e ausências que recebemos, rondam e estruturam nosso imaginário, apoderam-se de nós, nos fazem cúmplices de ideais irrealis, opressores. Nenhuma imagem é inocente. Sua produção, circulação e consumo é projeto que aliena e come seus receptores.

Atenção, precisa ter olhos firmes para este sol, para esta escuridão.

Colagem é fala, desabafo, grito. Contranarrativa.

Colagem é pergunta, crítica, protesto.

Pareia espetáculo de guerra na sala de TV com A família de comercial de margarina. E pareando, contrasta.



Põe a nu a naturalização do desigual.

E colagem é o belo de quem vê, é conto, poesia, dadá, surreal. É precisão, corte cirúrgico, sutura... E é acaso, rasgo, remendo...

É forma de imaginar, é pesadelo, sonho. É mundo onírico entre sono e vigília.

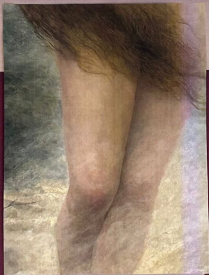
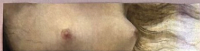
Colagem foge a ismos e é memória de infância, escolinha de bairro, colégio. Coisa de criança. De Infante, aquele que não fala. Colagem é desvalorizada. Como criança.

Colagem é criação no trajeto, transformação na composição, liberdade no sonho de mudar realidades.

E é *kiru*, palavra que corta, justapõe imagens, junta e disjunta.

E *kigo*, 4 estações, primavera, verão, outono e inverno.

Colagem... É imagem haikai.



# Ciclos intermitentes

Os caminhos trilhados em processos coletivos e colaborativos alegram a alma e nos impulsionam a seguir em frente. Estes três semestres em que a disciplina *Práticas performativas em diálogo com abordagens orientais: percepção, sentidos e imaginação* foi ofertada, agregou diferentes pessoas em uma rede potente de criação e afetos. O monitor Guilherme Sampaio criou uma página no Instagram (@praticasperformativas) e disponibilizou fragmentos dos processos das oficinas de criação, performances e haicais. Uma maneira dinâmica de registrar um pouco dos processos vivenciados em sala de aula, este espaço íntimo e precioso de trocas e aprendizados.

Para a visualização dos vídeos-poemas realizados nos tempos pandêmicos e cadernos com as colagens criadas pelos estudantes nas aulas presenciais ministradas pela antropóloga e arte educadora Lelia Lofego, compartilhamos o link:

<https://drive.google.com/drive/folders/1INZYlyk8IhUHpsgOApiPIC8KU3AuHVL?usp=sharing>.

A síntese trabalhada no pensamento haikai nos acompanhou durante todo o processo, como reduzir o acúmulo de ideias, imagens, movimentos? O que realmente queremos transmitir quando criamos um haikai? Como transformar as palavras do poema em corpo? Como exercito o meu olhar, com ar entre os corpos?

Pensamentos que reverberam, mesmo finalizado o ciclo das aulas na UnB. Uma singular ativação, de distintos modos de percepção, que se alastram nos nossos cotidianos, quando tomamos um copo de água, observamos uma flor no jardim, vemos a lua em uma noite estrelada. Pequenos aprendizados sutis ecoam nos nossos corpos, ávidos por novas partilhas, encontros e haicais.

instantes fugidios  
sopram ventos alegres  
fagulhas de vida

**Rita de Almeida Castro**



sonhos espiralados  
em fluxos coletivos  
encantam a alma

rita

práticas performativas em diálogo com abordagens orientais: percepção, sentidos e imaginação

ISBN: 978-65-88507-09-4

CL



9 786588 507094